

A saúde no telejornalismo público: Uma análise da série “Nos corredores do SUS”¹

Vitor ALMEIDA²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar o espaço dedicado à saúde no telejornalismo público brasileiro, com a avaliação de parâmetros para realizar inferências acerca da qualidade da cobertura sobre saúde no telejornalismo público. O objeto de estudo é uma série do programa Repórter Brasil edição noturna, veiculado pela TV Brasil, emissora pública brasileira intitulada “Nos corredores do SUS”. Investigações anteriores desenvolvidas no âmbito da UFJF pelo “Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais” (antigo Grupo de pesquisa Telejornalismo, Imagem e Representação) oferecem o referencial teórico para a avaliação empírica, realizada a partir de pesquisa de edições do programa disponíveis na rede mundial de computadores.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; saúde; televisão pública.

1. Introdução

No Brasil, a TV pública tem sua maior representante na TV Brasil. Ela foi criada em 2007 para suprir as pendências do jornalismo comercial e, também, como uma demanda da sociedade no âmbito da disputa pela democratização da comunicação. No livro “A informação na TV pública”, é explanada a função da TV pública e o porquê de sua criação.

Propõe-se nessa perspectiva, em diversos trabalhos de pesquisa, compreender a prática do telejornalismo em uma emissora pública na perspectiva da complementariedade, no exercício desse direito, social à comunicação. Nesse sentido, a TV Brasil, como emissora de televisão pública deveria possibilitar a

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: vitoralmeida_cefet@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: iluskac@uol.com.br

difusão de diferentes vozes, imagens e sons, produzidos segundo uma diversidade de princípios editoriais de tal modo que a pluralidade de opiniões e perspectivas fosse construída a partir da experimentação do direito de comunicar, em um canal público. (COUTINHO, 2013 p. 27)

E, ainda, sobre o papel da TV pública no Brasil, o livro “A informação da TV pública” ressalta a importância da implantação da TV Brasil.

A implantação da TV Brasil representou uma importante conquista para segmentos da sociedade brasileira envolvidos com a luta pela pluralidade e democratização do acesso à comunicação e à informação no Brasil. No que se refere à oferta de informação televisiva, a constituição de uma emissora de TV pública se constituiu em uma alternativa concreta para a prática de um jornalismo orientado de forma efetiva pela observância do interesse público e caracterizado pelo exercício dos direitos à informação e comunicação por telespectadores. (COUTINHO, 2013 p.28)

A principal proposta da TV Brasil é ampliar e diversificar o acesso à oferta de conteúdo audiovisual. Ela está presente em todo o território brasileiro e, agora, ainda conta com canais de seus programas no site de hospedagem de vídeos “youtube”. Através deles, todos os que não têm acesso ao sinal, ainda novo, da TV Brasil podem conferir a programação da emissora. Ela pertence à Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

O presente trabalho visa analisar a cobertura da saúde no maior telejornal da TV Brasil, o Repórter Brasil edição noturna. O principal viés da pesquisa é a análise da possibilidade da TV pública contribuir para a formação dos cidadãos. Diversos autores destacam uma longa tradição educativa dos canais públicos. Na área da saúde essa formação e informação podem ampliar a compreensão do tema e auxiliar na perspectiva da prevenção. Com o acesso à internet cada vez maior e a disponibilização do conteúdo produzido, um número maior de pessoas tem acesso aos programas.

1.1 Jornalismo Público

O jornalismo público ainda é uma realidade recente nas práticas em Comunicação no Brasil e se encontra muito associado a organismos governamentais. Portanto, esse conceito ainda se encontra em uma “fase inicial” de consolidação.

Ainda se confunde muito as definições “estatal”, “governamental” e “educativo”. No Brasil esses termos têm convergido de certa forma, para o campo do jornalismo público;

ainda “jornalismo cívico” ou “jornalismo cidadão”. Para Luiz Martins da Silva, professor do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade de Brasília:

Como gênero, o jornalismo público ainda não adquiriu o status de outras especializações, a exemplo da crônica policial, do jornalismo esportivo ou econômico. E ainda não encontrou no Brasil nem uma tradução definitiva nem uma compreensão do que ele representa enquanto função, área de cobertura e campo profissional. (Silva, 2002, p. 23).

O jornalismo público não pode ser definido como o praticado na esfera do poder público. Luiz Martins da Silva ainda esclarece as diferenças entre o jornalismo público e o comercial. Para ele, o jornalismo público deve prezar pela finalidade não lucrativa; ter independência do mercado, da economia e da política, ter sustentabilidade e uma gestão plural.

Estariam assim elencadas as quatro principais diferenças entre o jornalismo público e o jornalismo comercial. A finalidade não lucrativa nos remete à principal diferença. O jornalismo público visa ser uma alternativa que dê espaço a todos, diferentemente do jornalismo comercial que visa o lucro e as notícias que mais vendem. Para tanto, o jornalismo público deve ser independente, sustentável e ter uma gestão plural; caso contrário irá ser apenas veículo dos seus patrocinadores, como em outros casos do jornalismo comercial.

1.2 Telejornalismo Público

De acordo com estudos e publicações do “Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais” (CNPq-UFJF, antigo grupo de pesquisa Jornalismo, Imagem e Representação) é necessário recorrer a parâmetros particulares, definidos em pesquisas anteriores, para analisar e avaliar a qualidade do telejornalismo público. O livro “A informação na TV pública” oferece o suporte teórico-conceitual para a análise apresentada nesse artigo. A publicação é resultado de uma ampla pesquisa realizada sobre o tema, onde o grupo desenvolveu seus parâmetros para análise da qualidade do telejornalismo público.

Entre 2010 e 2011 pesquisadores da UFJF, coordenados pela professora Iluska Coutinho, realizaram a Avaliação do Telejornalismo da TV Brasil, em uma parceria entre o Conselho Curador da EBC e o antigo grupo de pesquisa Jornalismo, Imagem e

Representação. O relatório, disponível na página do Conselho na internet, assume em determinados momentos um foco normativo:

O Telejornalismo Público, como modelo, deveria ter como um de seus princípios orientadores, em especial, avançar para além da distinção forma-conteúdo que impediria a oferta de informação de qualidade nas emissoras comerciais e estatais, na medida em que estaria liberto da perspectiva mercadológica, da busca pelo lucro, comercial sobretudo. Entre as perspectivas gerais de um modelo de telejornalismo público, que guardam relação direta inclusive com os documentos constitutivos da EBC e da TV Brasil, estaria a oferta de conteúdos voltados para o cidadão e para as diferentes comunidades. Os telejornais e programas jornalísticos nesse sentido deveriam ter como premissa e/ou promessa promover uma melhor compreensão da realidade, tornando mais próximo e efetivo, seu entendimento e apropriação pelos telespectadores. Estes deveriam ser compreendidos e representados nas reportagens como cidadãos e também como grupo social. Além disso, mais do que informações descontextualizadas, os telejornais públicos deveriam contribuir com a oferta de conhecimento cotidiano e formação dos espectadores e, assim, estimular sua autonomização. (COUTINHO, 2013, p.29)

E, ainda:

A perspectiva da pluralidade de vozes no telejornalismo público orientaria a constituição dos programas jornalísticos em uma emissora pública como espaço para o exercício do direito à comunicação, para além do direito à informação de qualidade, aferida segundo parâmetros de excelência. (COUTINHO, 2013, p.30)

Diversos fatores influenciam nos modelos de análise do telejornalismo público, principalmente do Repórter Brasil. A própria TV Brasil, por ser uma emissora nova, interfere na análise. Assim, o modelo estabelecido é um modelo ainda inicial e que deve ser adaptado de acordo com o tema analisado. Assim as pesquisas realizadas posteriormente, e reunidas no livro de 2013 representam um aperfeiçoamento desses primeiros estudos:

Pesquisas e investigações posteriormente realizadas, no âmbito do grupo de pesquisa, e especialmente no projeto “Telejornalismo nas emissoras públicas brasileiras” mobilizaram em diferentes momentos também outras categorias/tensionamentos, a partir da questão central a ser respondida em cada situação. Nesses casos o modelo estabelecido para a avaliação do telejornalismo público pode ser considerado uma forma inicial de diagnóstico, a ser interpretado, mobilizado ou ainda adaptado a partir do problema a ser investigado. Em todos os casos, contudo, vale destacar a importância que os eixos de pluralidade e democratização devem receber na avaliação da prática do jornalismo, tanto em aspectos temáticos, quanto geográficos e de linguagem ou estilo. (COUTINHO, 2013 p.38/39)

Ainda sobre o telejornalismo público, outra questão não definida já citada é a nomenclatura e a sua abrangência. O “estatal”, o “governamental” e o “educativo” são os principais termos que causam controvérsia na mente da maioria da população ao ouvir a expressão “jornalismo público”. Sobre essa questão, Iluska Coutinho explica, ainda no livro “A informação na TV pública”, a existência do termo “telejornalismo público” e a sua relação com as outras designações.

(...) é necessário um esforço por compreender a natureza das chamadas emissoras do campo público no Brasil formado por: TVs educativas; canais de acesso público regulamentados pela Lei de TV a cabo (universitários, legislativos e comunitários), emissoras estatais e recentemente pela EBC (TV Brasil). Apesar de terem em comum o fato de apresentarem-se como contraponto à TV de exploração comercial, estes canais possuem características muito diferenciadas no que refere-se à construção, consolidação, à própria identidade percebida socialmente (COUTINHO, 2013 p.22).

2. O Repórter Brasil

O Repórter Brasil é o principal telejornal diário (não exibido aos domingos) da já citada TV Brasil. A proposta do Repórter Brasil é trazer o jornalismo público às televisões brasileiras. De segunda a sexta possui duração média de 40 minutos e aos sábados 30 minutos.

O telejornal possui, na edição de segunda a sexta, quatro blocos. Na edição de sábado apenas dois blocos. As edições do Repórter Brasil Manhã e do Repórter Brasil Noite divergem em alguns pontos editoriais. O livro “A informação na TV pública” traz algumas considerações sobre essas divergências. Sobre o Repórter Brasil Manhã, o livro menciona.

No Repórter Brasil Manhã predomina a cobertura de caráter factual, o que justifica a grande presença de temáticas relacionadas ao cotidiano (21,58%). São matérias sobre: o dia a dia dos brasileiros; eventos de impacto e ou relevância nacional; datas significativas e eventualmente problemas relacionados ao trânsito ou relacionados ao campo da segurança pública. As outras temáticas que concentram maior número de inserções na grade do telejornal são Cultura/Comportamento e Economia. A média mensal de matérias com essas duas abordagens é 36 (12,95%) e 29 (10,43%), respectivamente, entre as edições do Repórter Brasil Manhã veiculadas de julho a março de 2011. (COUTINHO, 2013 p.44)

Já a edição noturna do telejornal Repórter Brasil se difere em alguns quesitos. A concentração temática é a principal diferença. Mais uma vez, as pesquisas contidas no livro

“A informação na TV pública” nos fornecem dados sobre o telejornal, dessa vez sobre a edição noturna.

Na edição noturna do programa Repórter Brasil são outras as distribuições marcantes no que se refere à concentração temática, embora a dependência das agendas oficiais seja uma constante entre os dois programas. Nesta, contudo, talvez como resultado de maior inserção da produção de emissoras parceiras, como será apresentado posteriormente, há uma menor predominância da Política, sendo as matérias de Cotidiano as mais presentes ao longo de seis meses de edição objeto da avaliação quantitativa. (COUTINHO, 2013 p.45)

Para o levantamento e análise empíricos foi analisado o material disponível na internet no site do Repórter Brasil (<http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil>). Existem duas edições, uma diurna e outra noturna. O alvo do artigo é a análise da edição noturna. Os dados coletados para análise foram todos os episódios da série “Nos corredores do SUS”, exibida no Repórter Brasil edição noturna.

3. A série “Nos corredores do SUS”

A série “Nos corredores do SUS” busca mostrar a história do SUS e como ele se encontra atualmente. Todo o material analisado foi retirado do site da TV Brasil. “Nos corredores do SUS” foi veiculada na semana de 18 a 22 de janeiro de 2016 no principal telejornal da emissora pública TV Brasil, o Repórter Brasil edição noturna. A partir dessa série, com cinco episódios, foram feitas análises quali-quantitativas a respeito da cobertura em saúde e de sua qualidade no telejornalismo público. O telejornal foi analisado a partir dos vídeos disponibilizados no sítio oficial da emissora de televisão. Na época da série de reportagens houve uma mobilização importante nas redes sociais, em especial o facebook, que deu notoriedade a “Nos corredores do SUS”. A série foi produzida pela própria TV Brasil, em Brasília e o último episódio, especial do Reino Unido e Estados Unidos feito por correspondentes. O repórter dos quatro primeiros episódios foi Paulo Leite. A quinta reportagem foi feita por Gislene Nogueira e Giselle Garcia. As imagens brasileiras são de Rafael Oliver e a produção de Samanta do Carmo. O editor de imagens da série foi Jerson Portela e a editora de textos foi Manuela Castro.

4. Parâmetros de análises

Todos os vídeos das cinco reportagens foram assistidos via site da TV Brasil. A partir desse primeiro contato com o material audiovisual pôde-se começar a análise. Para as análises qualitativas foram realizadas inferências acerca de três eixos considerados centrais nos estudos do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais, Pluralidade, Diversidade e Cidadania/Autonomia. Para fins de sistematização eles foram denominados eixos A, B e C, respectivamente.

No eixo A, que trata da pluralidade, são englobadas as pluralidades de participações. São analisados os setores sociais representados, as temáticas de cada matéria, quais são os partidos políticos citados, se há presença do governo; em caso positivo de que forma, quais são as perspectivas de mundo enunciadas, se existem elementos regionais fora do eixo padrão (sul e sudeste) e se há presença de sotaques.

No eixo B, que trata da diversidade, é trabalhada a inclusão. São analisados como é dada a inclusão do público na narrativa (e de que forma ela se dá, via personagens?), como é dada a inserção da população; se existe direito à voz. É analisado, também, as fontes e o tratamento dado a elas; quais fontes aparecem, se as fontes tem autoridade atribuída e direito à voz. Ainda no eixo B são analisados a temática (abordagens, como o tema é tratado, se o enfoque é diferenciado ou se recorrem a narrativas e modelos convencionais).

No eixo B, segundo pesquisas do grupo “Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais”, ainda deve-se analisar os formatos utilizados. Porém, essa parte será descartada para esse trabalho de pesquisa visto que a série analisada segue um padrão no que se trata do formato e se tornaria redundante analisá-lo. Será apenas citado.

O eixo C trata de cidadania/autonomia. Nele são analisados se há contextualização dos fatos e inserção de desdobramentos possíveis inclusive para o cidadão, se a narrativa insere ou tem presença de estímulos à ação do telespectador e como essa convocação é feita, se há inclusão do cidadão comum como agente da narrativa se o cidadão age e transforma a realidade do fato narrado. E, ainda, se a matéria possui um viés formativo, de perspectiva ou tom educativo.

5. Análises

Sobre a série “Nos corredores do SUS”, nota-se uma padronização de formatos, temáticas diversificadas e um reaproveitamento de fontes. Em cinco episódios a mesma fonte aparece em três deles.

Com relação aos eixos de análise percebe-se, também, certa padronização da série de reportagens. No eixo A - Pluralidade percebe-se que não são muitos os setores sociais representados. As fontes que efetivamente tem direito à voz são os especialistas. As temáticas foram diversificadas ao longo da série, cada episódio com seu tema específico. Não se nota a presença de retrancas. Partidos políticos não são mencionados nas reportagens. A presença do governo se dá, indiretamente, pela apresentação de responsabilidades com relação ao SUS, sem interferência direta. Elementos regionais e presença de sotaque, que deveriam ser prezados no telejornalismo público, não estão presentes. Em alguns casos a contextualização dos fatos é dada, em outras o fato é noticiado como se fosse uma máxima de conhecimento geral. De um tempo total de vinte minutos e vinte e dois segundos de série (20’22’’), três minutos e vinte e cinco segundos (3’25’’) foram destinados a falas de autoridades (médicos e outros representantes da área da saúde).

No eixo B - Diversidade percebe-se que a inclusão não é trabalhada na série de reportagens “Nos corredores do SUS”. As narrativas deveriam inserir o público, mas essas reportagens têm poucos personagens; o episódio cinco nem teve personagem algum. As fontes são variadas, mas a estrutura comum é a de um personagem que reafirma o texto do repórter seguido de um especialista. As autoridades são as fontes que mais possuem tempo de fala. A temática é tratada da forma padrão, seguindo inclusive a padronização dos formatos (Cabeça em estúdio + Off + entrevista com personagem + Passagem + entrevista com especialista/autoridade).

No eixo C - Cidadania/Autonomia percebe-se que a explicação do contexto dos fatos nem sempre se dá ao cidadão leigo. Alguns temas precisam ser mais bem explicados e detalhados para a compreensão geral. Alguns questionamentos ficaram em aberto. Os desdobramentos possíveis não são explorados. A narrativa não insere o telespectador nem o convida à ação. O tempo todo o telespectador só é informado, superficialmente, da notícia. Ele é um “consumidor passivo”, não sendo agente da narrativa. O viés é apenas informativo.

6. Considerações Finais

Sobre a série “Nos corredores do SUS”, nota-se uma padronização de formatos, temáticas diversificadas e um reaproveitamento de fontes. Em cinco episódios a mesma fonte aparece em três deles. Além disso, é notória uma tendência à oficialização das fontes. O maior tempo de fala se deu para as fontes oficiais da área da saúde ou seus representantes com poder instituído.

Com relação aos eixos de análise percebe-se, também, certa padronização da série de reportagens. No eixo A - Pluralidade percebe-se que não são muitos os setores sociais representados. As fontes que efetivamente tem direito à voz são os especialistas. As temáticas foram diversificadas ao longo da série, cada episódio com seu tema específico. No eixo B - Diversidade percebe-se que a inclusão não é trabalhada na série de reportagens “Nos corredores do SUS”. As narrativas deveriam inserir o público, mas essas reportagens têm poucos personagens; o episódio cinco nem teve personagem algum. No eixo C - Cidadania/Autonomia percebe-se que a explicação do contexto dos fatos nem sempre se dá ao cidadão leigo. Alguns temas precisam ser mais bem explicados e detalhados para a compreensão geral. Alguns questionamentos ficaram em aberto. Os desdobramentos possíveis não são explorados. A narrativa não insere o telespectador nem o convida à ação. O tempo todo o telespectador só é informado, superficialmente, da notícia. Ele é um “consumidor passivo”, não sendo agente da narrativa. O viés é apenas informativo.

Por toda a análise do telejornalismo público e de suas funções aqui explanadas e da cobertura em saúde pelo telejornalismo, percebe-se que a editoria de saúde ainda deixa faltar muitos quesitos no que tange ao direito do cidadão em ter acesso à informação; mais ainda na informação em saúde.

A TV Brasil chega mais próxima de uma cobertura ideal em séries como “Nos corredores do SUS”. Mesmo com todos os problemas, em reportagens sequenciais menores são garantidos maiores parâmetros de qualidade propostos pelo telejornalismo público como uma maior polifonia, maior presença de personagens, maior regionalização; mesmo que ainda exista a tendência à “oficialização” das fontes.

7. Bibliografia

SILVA, Luiz. *Jornalismo Público - O social como valor-notícia*. Brasília, DF. Casa das Musas, 2002.

COUTINHO, Iluska (org). *A informação na TV pública*. Florianópolis: Insular, 2013.

COUTINHO, Iluska. *Relatório de Avaliação do Telejornalismo da TV Brasil*. Disponível em <http://conselhocurador.ebc.com.br/sites/_conselhocurador/files/ufjf_relatoriotelejornalismoebc.pdf>. Acesso em 08/04/2016.

Repórter Brasil <<http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil>>. Acesso: 08/04/2016.

TV Brasil. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/>>. Acesso: 08/04/2016.

ALMEIDA, Vitor. “A saúde no telejornalismo público: Análise quali-quantitativa do espaço dedicado à temática no Repórter Brasil”, disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1111-1.pdf>>, acesso em 08/04/2015.